

# **“O voo quase sempre incerto” – questões sobre as identidades sexuais da psicanálise**

**Beatriz Carneiro dos Santos**

## **Resumo**

Entre a psicanálise e os estudos de gênero, o tema da construção da identidade sexual nos convida a pensar as relações entre sexualidade, temporalidade, corporalidade e política. Este artigo discute a criação de novas identidades – ou do novo nas identidades – através da temporalidade da sexualidade e da corpografia dos encontros sexuais.

## **Palavras- chave**

Identidade sexual, psicanálise, gênero, relação sexual

Key Words: sexual identity, psychoanalysis, gender, sexual relation

## **Abstract**

Between psychoanalysis and gender studies, the theme of the construction of sexual identity invites us to think the relations between sexuality, temporality, corporeality and politics. This article discusses the creation of new identities – or newness in the identities – through the temporality of sexuality and the corpography of sexual encounters.

**Key Words:** sexual identity, psychoanalysis, gender, sexual relation

Psicóloga. Doutora em Pesquisas em Psicanálise pela Université de Paris 7.

Recebido em 30/06/2010. Aprovado em 30/09/2010

<sup>1</sup> CELES, L. A. (2000a). Da psicanálise à metapsicologia: uma reflexão metodológica. In: *Pulsional. Revista de Psicanálise*, v. 13, n. 133, São Paulo, Livraria Pulsional, p. 7-17

Neste artigo, Celes se refere ao trabalho psicanalítico como baseado simultaneamente num convite explícito para que o analisando fale, segundo uma maneira específica (em associação livre, definida por Freud como a regra fundamental da psicanálise), na interpretação e na construção, ressonâncias desta fala singular.

A expressão ‘trabalho de fazer falar...e fazer ouvir’ faz então uso de reticências para indicar “o lugar do ouvir e falar do analista (segundo as regras derivadas, as da atenção livremente flutuante e da abstinência), que faz falar e faz ouvir o analisando”.

<sup>2</sup> BUTLER, J. (1990), *Trouble dans le genre* [Problemas de Gênero], Paris, Ed. La Découverte, 2005

<sup>3</sup> Ver SEGATO, Rita Laura (2005) *Santos e Daimones: O Politeísmo Afro-Brasileiro e A Tradição Arquetipal*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1995. v. 1., 515 p.

E, especificamente sobre o diálogo entre antropologia e psicanálise, ver:

SEGATO, R. L.  
Antropologia y  
psicoanálisis.

“Trata-se [para a psicanálise] menos de lembrar-se de do que de reescrever a história”

### Jacques Lacan, *Seminário I - Os escritos técnicos de Freud*

“Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*

Este trabalho é uma tentativa de estabelecer elementos iniciais de um diálogo entre a psicanálise e a contribuição das teorias de gênero à discussão sobre a construção e a mobilidade das identidades sexuais. Ele tem como objetivo indicar alguns caminhos pelos quais se estabelece a travessia entre a teoria psicanalítica e os estudos de gênero, sem deixar de atentar para a especificidade de cada um desses dois campos. Entre duas margens, uma delineada pela psicanálise – entendida como um trabalho de fazer falar... e fazer ouvir, como indica o psicanalista Luiz Celes<sup>1</sup> – e uma traçada pelo feminismo vindo de um novo espaço de teoria, entre os estudos culturais e a teoria crítica – representado pelo trabalho de Judith Butler<sup>2</sup> –, ele acompanha o movimento fluido do rio que as distingue ao mesmo tempo que as coloca em contato. Quero dizer com a metáfora que, enquanto escrevo, tento me posicionar na articulação (sempre móvel) entre dois discursos distintos sobre o tema da identidade sexual. Vejo o tema da construção da identidade (em oposição a qualquer determinação sexual ou sexuada que evoque princípios transcendentais, tais como a natureza, a ciência ou a tradição) como particularmente motivadora para exercitar o que a antropóloga Rita Segato chama de “método da exegese recíproca”, ou seja, a produção e a intermediação de um diálogo (“quase uma confrontação”) entre dois textos culturais oriundos de tradições diferentes. Postos em relação, os textos “falam um com o outro” e permitem

ao pesquisador identificar as afinidades através das quais conversam e também o que os distancia<sup>3</sup>.

Neste artigo, pretendo mediar um esboço de encontro entre as noções psicanalíticas de identificação e de relação sexual e a idéia de disseminação do sujeito sexuado proposta por Butler. Intento pensar as possibilidades e impossibilidades de diálogo entre duas concepções da sexualidade que a distinguem da referência à natureza, à biologia ou a uma suposta essência dos seres humanos, assim como as consequências desta distinção sobre a noção de sujeito. A afirmação da existência de uma separação entre a formação biológica do corpo dotado de órgãos sexuais e o arranjo dos diversos traços que compoem uma identidade de gênero indica a direção geral tomada pelas pesquisas ligadas ao tema do gênero, tal como o entendo aqui<sup>4</sup>. Essa mesma separação participa das interrogações psicanalíticas sobre as vias que conduzem cada sujeito no percurso que vai da bissexualidade originária até a experiência de se dizer homem, mulher ou outr@. Entre os dois campos, esgueiram-se ao menos dois temas que permitem tratar do que constitui diferença e do que os aproxima: o tema da *temporalidade da sexualidade* e o da *corpografia do encontro amoroso*.

### **Temporalidade da sexualidade : das identificações às identidades sexuais**

Num artigo que trata das consequências psíquicas da existência de uma diferença anatômica de sexos, Freud afirma que o complexo de Édipo é algo tão que as maneiras pelas quais nos encontramos a ele ligados e pelas quais dele nos livramos não podem ser sem consequências<sup>5</sup>. A vida sexual de qualquer sujeito adulto, com tudo o que ela abrange (como o acesso à genitalidade, a escolha de objetos de amor, a afirmação de uma identidade de gênero), é marcada pela experiência edípica. Isso quer dizer que as teorizações psicanalíticas envolvendo a sexualidade passam pela compreensão de uma temporalidade do sexual que evidencia a importância das experiências infantis. Para além da conside-

Possibilidades y limites de un diálogo. In: Jaramillo Jiménez. (Org.). *Cultura, Identidades y Saberes fronterizos*. Bogotá; Universidad Nacional de Colômbia, 2005, v. 1, p. 101-122.

<sup>4</sup> Ou seja, pesquisas em torno da sexualidade e do que ela implica em termos de significados, práticas e relações, numa abordagem que considera que "a sexualidade não se explica pela sexualidade nem pela biologia", como afirma o sociólogo francês Michel Bozon.

ver BOZON M. (2003), « Sexualité, genre et sciences sociales. Naissance d'un objet » [Sexualidade, gênero e ciências sociais. Nascimento de um objeto], In: *Genre et sexualités. Cahiers du REGENSE*. Paris: Ed. L'Harmattan, 2003, p. 24.

Essa explicação não serve, no entanto, a definir o que é o gênero porque, assim como os temas de pesquisa que supostamente agrupa, a determinação do termo "gênero" é marcada questões que ela tenta apontar. Isso quer dizer que gênero pode ser entendido como o estudo das mulheres e do feminismo, mas também como uma oposição a toda distinção de sujeitos em categorias binárias como homem e mulher. Ele trata da diferença dos sexos, mas também embasa estudos que indicam a impossibilidade teórica

dessa diferença. Ele associa e separa o movimento feminista e o movimento homossexual. Para este trabalho, parto da definição da historiadora Joan W. Scott que, ao mesmo tempo que afirma que “aqueles que se propõem a codificar o sentido das palavras lutam por uma causa perdida porque as palavras, como as ideias e as coisas que são feitas para significar, tem uma história”, indica que “o aspecto essencial da definição se baseia na *relação fundamental* entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças perceptivas entre os sexos e o gênero é um modo inicial de significar as relações de poder”.

SCOTT, J.W. (1985), “Genre : une catégorie utile d’analyse historique” [Gênero : uma categoria útil de análise histórica], in *Les Cahiers du GRIF*, 37-38, 1988, 125-153.

<sup>5</sup> FREUD, S. (1925[1925]) “Quelques conséquences psychiques de la différence des sexes au niveau anatomique”, in *Œuvres Complètes*, t. XVII, Paris, PUF, 1992, p. 200 [“Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, vol. XIX da edição brasileira]

<sup>6</sup> BIRMAN, J. (2001), *Gramáticas do erotismo*, São Paulo, Ed. Civilização Brasileira, 2001, p.19.

ração de um desenvolvimento sexual determinado pela simples passagem de idades – as atividades sexuais dos adultos se sucedendo às atividades sexuais das crianças, que por sua vez se sucedem às atividades dos bebês –, a psicanálise, desde Freud, instaura o problema da simultaneidade dessas atividades. Ela pressupõe a formação, no inconsciente, de uma relação entre o adulto e a criança que deve ser compreendida não em termos de sucessão, mas de presença: presença da sexualidade infantil no adulto, presença de objetivos sexuais nas atividades infantis.

É então necessário compreender a sexualidade da qual fala a psicanálise a partir de uma “espessura temporal” que a caracteriza. Por espessura temporal, termo que tomo emprestado do psicanalista Joel Birman<sup>6</sup>, entendo a composição de uma trama diacrônica que estabelece uma continuidade entre o passado da vida sexual e uma possível “atualidade” sexual. As experiências que constituem a sexualidade oscilam permanentemente entre o tempo infantil das escolhas objetais e o “a posteriori”<sup>7</sup> que confere às vivências precoces uma significação que elas não possuíam originalmente. Como consequência, os questionamentos sobre *o que torna possível a determinação de uma identidade sexual* ganham uma nova camada: além da fragilidade da determinação de quais traços seriam suficientemente abrangentes para definir que tal sujeito possui (ou é) tal identidade, coloca-se também o problema dos aspectos inconscientes presentes nesta (in)determinação. À questão da restrição da nomeação identitária baseada na escolha de parceiros sexuais (“se heterossexual, então...”, “é homossexual, logo...”), junta-se a dificuldade ligada à pluralidade de instâncias que compoem um homem, uma mulher, etc<sup>8</sup>.

A maneira que tem a psicanálise de se aproximar da questão da formação da identidade sexual, quão múltipla seja ela, exige então uma associação à noção de identificação. Já que uma concepção psicanalítica da sexualidade só faz sentido enquanto “expandida” – ou seja, como relacionada simultaneamente às atividades sexuais propriamente ditas e às

experiências sexuais da infância –, ela torna necessária a articulação entre a (in)determinação identitária de cada sujeito e as operações subjetivas através das quais este sujeito se constitui, desde seus primeiros relacionamentos (com o seio, com a mãe ou outra pessoa cuidadora, com seu corpo, etc.). A identificação surge assim como noção fundamental por indicar a relação direta entre o movimento das transformações possíveis do eu e a história afetiva do sujeito. Ela permite que a discussão sobre como se constitui um sujeito sexuado inclua os efeitos das relações amorosas da infância e, conseqüentemente, a presença do inconsciente nesta constituição.

Na teoria freudiana, a noção de identificação evolui de uma assimilação a um mecanismo de defesa a uma concepção de um aspecto transformável e transformador da formação do eu. Inicialmente, Freud descreve três tipos de identificação: uma identificação própria à pré-história do complexo de Édipo, uma identificação regressiva (ou histérica) e uma identificação na qual há abstração da relação objetual com a pessoa copiada<sup>10</sup>. Essas três identificações têm em comum o fato de se basearem em um modelo de relação orientado pela ligação sentimental com um objeto presente. Elas se referem ao desejo de ser como alguém ou de se colocar na mesma posição que alguém. Mais tarde, com o desenvolvimento da teoria da melancolia, surge uma nova configuração da identificação, apoiada na polifonia formadora do eu e na ambivalência da relação de objeto: uma parte do eu ama ao mesmo tempo que outra rejeita.

Essa identificação melancólica é importante para a reflexão sobre o que a psicanálise diz da construção da identidade sexual por duas razões. A primeira delas é o fato de indicar a existência de diversas vozes que constituem isso que chamamos de “eu” (ou ego). O eu concebido por Freud não é uma instância linear ou homogênea, nem corresponde à noção de indivíduo ou de sujeito. Na verdade, ao longo da complexa teorização do eu, desde o artigo Projeto para uma psicologia científica (1885) até a descrição da Dissecção da personalidade psíquica (1933), está presente a ideia de seu caráter opaco e múltiplo. Como afirma o psicanalista André Green num

<sup>7</sup> A expressão ‘a posteriori’ refere-se à concepção freudiana da temporalidade e da causalidade psíquicas: “Ha experiências, impressões, traços mnésicos que são u l t e r i o r m e n t e remodelados em função de experiências novas, do acesso a outro grau de desenvolvimento. Pode-se então ser-lhes conferida, além de um novo sentido, uma nova eficácia psíquica.” LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. (1973), “A Posteriori”. In: *Vocabulário de Psicanálise*, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1998, p. 33.

<sup>8</sup> « Etc. » que indica, como sugere Butler, que as propostas de uma lista que tenta abarcar a totalidade de identidades sexuais nunca chega ao fim: “o processo de significação se gasta mas nunca termina”. BUTLER, J. (1990), Op. cit. p. 269.

<sup>9</sup> FREUD, S. (1905[1905d], « Trois essais sur la théorie sexuelle ». In: *Œuvres Complètes*, t.VI, Paris, PUF, 2006 [“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, vol. VII da edição brasileira].

<sup>10</sup> S. FREUD (1921[1921c], « Psychologie des masses et analyse du moi », in *Œuvres Complètes* t. XVI, Paris, PUF, 1991 [“Psicologia de grupo e a análise do ego”, vol. XVIII da edição brasileira.]

<sup>11</sup> GREEN, A. (1974), « Atome de parenté et relations oedipiennes » [Átomo de parentesco e relações edípicas], in Lévi-Strauss, C. (1974-1975), *L'identité*, Ed. Grasset, Paris, 1987, p.82

<sup>12</sup> CHABERT, C. (2003), *Féminin mélancolique* [Feminino melancólico], Paris, Ed. PUF, 2003, p.12

<sup>13</sup> Penso, por exemplo, na teorização do “gênero melancólico” feita por Butler em *Problemas de Gênero*.

Ver: SANTOS, B. C. *La sexualité entre un homme et une femme : une théorie aux limites de la psychanalyse*. [A sexualidade entre um homem e uma mulher : uma teoria nos limites da psicanálise].2010. 333f. Tese (Doutorado em Pesquisas em Psicanálise – Université de Paris 7. Paris, 2010.

<sup>14</sup> Para Freud, o fim do complexo de Édipo culmina na formação do supereu (ou superego) e em sua instauração como o modelo do que se deve ser e do que não se pode ser : como o pai você deve ser e como o pai você não está autorizado a ser.

Ver S. FREUD (1922[1922d], « Le moi et le ça », in *Œuvres Complètes* t. XVI, Paris, Ed. PUF, p.277 [“O ego e o id”, vol. XIX da edição brasileira]

<sup>15</sup> C. CHABERT, *Op. cit.*, p. 187

trabalho sobre a identidade, uma concepção de unidade do eu, ou mesmo de indivíduo, não é compatível com as noções de outra cena, de inconsciente ou de eu inconsciente<sup>11</sup>. E a identificação melancólica evidencia essa pluralidade, por se basear num movimento do eu que simultaneamente abandona e conserva o objeto ao qual se identifica. Ela ilustra a dificuldade própria à psicanálise de conceber um eu ou ego dotado de identidade sexual – a que “eu” ou aspecto do eu estamos nos referindo?

A segunda razão pela qual o conceito de identificação melancólica é importante para apontar uma via de reflexão psicanalítica sobre a identidade sexual é a ideia de movimento associada às possibilidades de perda e de conservação de um objeto de amor. Refiro-me ao que a psicanalista francesa Catherine Chabert chama de trabalho melancólico (*oeuvre mélancolique*) e que pode ser descrito com o movimento que torna a identidade sexual fora de foco, como se diria de uma foto na qual os contornos da imagem não são claros<sup>12</sup>. Enquanto sujeitos cuja vida sexual se iniciou com as marcas deixadas pelas pessoas que cuidaram de nós quando éramos bebês, somos impulsionados em direção à construção de uma singularidade pela conservação melancólica dos objetos de amor. A vivência do complexo de Édipo e a formação das identificações edípicas nos posiciona entre uma construção das identificações e as transformações egóicas ligadas ao abandono desses primeiros objetos. Diferentemente do que afirmam certas críticas à psicanálise<sup>13</sup>, a experiência edípica descrita por Freud não implica a sedimentação de uma posição sexual única, diretamente decorrente da destruição do complexo de Édipo. Ela representa, ao contrário, um momento na história de cada sujeito em que, face à interdição de ser como os pais<sup>14</sup>-ele deles se diferencia. Chabert fala de uma corrente dupla que alimenta o complexo de Édipo: uma apoiada por uma escolha de objeto estruturante (corrente de valência edípica) e outra apoiada na perda, no luto e na morte dos objetos amados (valência depressiva)<sup>15</sup>. Essa segunda valência é o que torna possível que o sujeito abandone uma posição identitária e passe a ocupar ou-

tra. Por incitar esse movimento, ela norteia a reescritura da própria história que é passível de acontecer no trabalho analítico (como defende Chabert em seu livro) e também no encontro amoroso, como indicarei a seguir.

De um ponto de vista orientado pela teoria psicanalítica, é possível dizer que a identidade se apresenta então como um tecido, no sentido de algo simultaneamente *dotado de uma unidade e aberto a um mundo de ambivalências*. O artista e pesquisador francês P. Hugues o descreve assim:

“de um lado o rigor e do outro, de maneira oposta, o imprevisível. O tecido se define pelo rigor da conta dos fios em trama e corrente; ele se constitui a partir de modos de cruzamento segundo uma combinatória numerada rigorosa e programada, mas isso resulta no reverso do rigor: nas dobras imprevisíveis que se formam a cada movimento e conforme cada um de seus posicionamentos”<sup>16</sup>.

O tecido é formado pelo encontro entre o rigor e o imprevisível, e é assim que se aproxima do tema da identidade – como ele, a identidade se apóia em uma combinatória de traços suficientemente estável para que seja re-conhecível, mas suficientemente maleável para deixar espaço para as dobras imprevisíveis criadas pelas transformações próprias à constituição de um sujeito. De acordo com a psicanálise, à afirmação de si como sujeito dotado de uma identidade de gênero (“eu sou mulher”), alia-se a problemática da experiência edípica e do que ela indica da marca do inconsciente neste processo de afirmação. A construção identitária com a qual lidamos enquanto adultos faz ressoar, juntamente com os diversos fatores vastamente enunciados pelos estudos de gênero, os acordes das vivências infantis e seu impacto nas relações sexuais adultas. Ao mesmo tempo, ela move e é movida pela imprevisibilidade dos encontros que fazemos na vida e que transformam os arranjos subjetivos que nos constituem. O impacto desses encontros é o tema que desenvolverei a seguir.

<sup>16</sup> HUGUES, P. (2005), « Entre-deux » [Entre dois]. In. : P. Hugues e R. Debray, *Dictionnaire culturel du tissu*, Ed. Babylone/Fayard, Lyon, 2005, p. 94.

<sup>17</sup> FREUD, S. (1895), *Op. cit.*

### **Corpografias do encontro amoroso – entre relações sexuais e novas tramas identitárias**

Quando a problemática da identidade sexual é abordada pela teoria psicanalítica, ela evoca, como afirmei acima, a ideia de uma espessura temporal da sexualidade. Este é um ponto que indica de que maneira o aparelho nocional psicanalítico orienta a reflexão sobre o tema, mas não é o único. Além da questão da temporalidade, a noção de corpo e de sua relação com o psíquico também distingue a maneira como a problemática da identidade sexual é tratada pela psicanálise de outras teorizações sobre o mesmo assunto.

Refiro-me à relação direta e contínua estabelecida entre, de um lado, as experiências fantasmáticas da corporalidade e, de outro, o impacto sobre o aparelho psíquico do que é vivido, a nível sensorial, pelo corpo. Entre o somático e o psíquico, as pulsões redefinem os limites entre a excitação do corpo e as sensações psíquicas: para Freud, toda atividade excitatória compreende um nível biológico e uma qualificação psíquica<sup>17</sup>. Não há distinção entre um “puramente” orgânico e um “simplesmente” psicológico. Além disso, esta qualidade psíquica atribuível à vivência do corpo está associada à experiência da « compreensão mútua » entre o bebê e a pessoa que dele se ocupa. Trata-se da experiência de apaziguamento proveniente de uma ação específica efetuada por uma pessoa dita “asseguradora”, com quem se pode contar.

Isso quer dizer que o corpo, e isso que chamamos corpo sexuado – ou seja, investido sexualmente em sua construção e dotado de uma identidade sexual –, se forma com uma elaboração psíquica que é relacional. Ele se constrói num encontro sexual que não é apenas genital, mas também contato entre duas organizações da sexualidade – a que compõe (ou que é) o adulto e a que compõe ou é o sujeito-criança. Essa concepção da relação entre o corpo e o sexual, e também entre o psíquico e a espessura temporal da sexualidade, orienta as questões que coloco sobre a possibilidade de subversões identitárias baseadas numa *corpografia* das relações sexuais. Se



pensamos o espaço do encontro amoroso erótico como formando uma figura de fronteiras fluidas – de um corpo a outro, de uma subjectividade sexuada a outra –, que podemos dizer de um movimento de reconfiguração do que forma a identidade, lançado pelo contato com @ outr@? Se o encontro, com o que ele comporta de transformações pelo desejo e pela vulnerabilidade frente ao outro, marca no arranjo identitário a possibilidade de abertura ao imprevisível, é possível pensar que ele porta uma possibilidade de ressignificação (ser mulher...que mulher? ser homem...que homem? Que lésbica? Que transsexual?) No que o corpo escreve e inscreve das relações sexuais – nas corpografias do encontro – há de que subverter as normas?

Para pensar esta corpografia, proponho começar pela ideia de relação sexual. Na verdade, a intenção de propor uma definição suficientemente inequívoca da relação sexual para que possamos dialogar já traz, em si mesma, diversas das interrogações sobre a multiplicidade de configurações sexuais que são o próprio tema que pretendo desenvolver. Ela nos convida a rever toda a certeza que temos (ou acreditamos poder ter) sobre o que determina a (ou o que é determinado pela) sexualidade. Percebo assim que as interrogações que norteiam este trabalho são precedidas de uma outra, mais básica, mas nem por isso menos complexa: o que é uma relação sexual?

Acredito não ser possível encontrar uma resposta a essa questão que dê conta da experiência de cada sujeito. Há tantas relações sexuais quanto há encontros entre sujeitos sexuais. Cada relação sexual se (in)determina como uma gramática particular cuja validade é local, instável e *ad hoc*, como sugere o sócio-linguista Luca Greco<sup>18</sup>. O que se pode dizer sobre ela, a partir dela ou mesmo com ela só faz sentido de maneira poeticamente<sup>19</sup> pontual: cada relação cria para si (e em cada um) um vocabulário de uso único.

No entanto, a impossibilidade de se definir o que é uma relação sexual não impede que se proponham elementos para uma reflexão sobre o tema. Na verdade, creio que há nesta dificuldade específi-

<sup>18</sup> Ver seus trabalhos sobre a problemática da nomeação, como por exemplo: GRECO, L. « L'homoparentalité entre parenté, genre et langage : différenciation et binarité dans les procédés d'appellation et de catégorisation du lien parental » [A homoparentalidade entre parentalidade, gênero e linguagem : diferenciação e binariedade nos procedimentos de apelação e de categorização do vínculo parental] In: Duchêne, A., Moïse, C. (eds) *Langage, genre et sexualité*. Editions Nota Bene, collection « Langue et pratiques discursives » (inédito)

<sup>19</sup> A ideia que tenho de uma maneira poética de criar um vocabulário reflete uma afirmação da psicanalista, linguista e semióloga Julia Kristeva sobre a dimensão poética da psicanálise.

Numa entrevista dada ao jornal francês Libération sobre Hannah Arendt, ela afirma que Arendt detestava a psicanálise porque tinha “razões pessoais para desconfiar [dela]” e porque não a conhecia bem: “para ela, [a psicanálise] era uma espécie de discurso que metia as pessoas no mesmo esquema – Édipo, oralidade, analidade, fálico...– sem medir a dimensão poética: nós tentamos justamente procurar o que cada pessoa tem de singular a dizer” Jornal Libération,

edição de Sábado, 28 de abril de 2007

Disponível em <http://www.liberation.fr/transversales/weekend/250491.FR.php>. Acesso em abril de 2010.

<sup>20</sup> Definida pelo psicanalista Renato Mezan como "a teoria propriamente dita, que procura explicar o funcionamento mental em geral. Fazem parte desta teoria hipóteses e conceitos articulados entre si, como a noção de uma região psíquica inconsciente, o complexo de Édipo, os mecanismos de defesa, as pulsões sexuais, etc. Algumas destas hipóteses e noções são mais próximas da prática clínica propriamente dita – por exemplo, resistência ou transferência –, e outras são mais distantes, por exemplo a ideia de pulsão. *Em seu conjunto, formam um repertório de elementos com os quais se pode construir um modelo teórico do que se passa numa análise, isto é, do modo peculiar do funcionamento do paciente.*" MEZAN, R. (1993) "Psicanálise e psicoterapias: qual relação?", In: *Tempo de muda. Ensaios de psicanálise*. Companhia das Letras, São Paulo, 1998, p.316 (grifo meu).

<sup>21</sup> CELES, L. *Op. cit.*

ca de traduzir em discurso compartilhável com @ (s) outr@ (s) uma experiência singular algo que é familiar à toda teorização psicanalítica. Refiro-me ao movimento pendular que embala todo analista entre a clínica e a teoria: entre a particularidade de cada analisand@ e a generalização do corpo teórico que o orienta. Movimento constante que dá origem à formação dos conceitos psicanalíticos: da escuta flutuantemente atenta no tempo da sessão, passando pela elaboração que resulta em teoria escrita, e de volta à clínica. Aproximo assim a criação do vocabulário singular que permite a cada um(a) falar de cada relação sexual e a maneira pela qual se constrói o que se chama em psicanálise de metapsicologia<sup>20</sup>. A definição da relação sexual e a construção do discurso psicanalítico são por mim entrelaçadas com o fio do que chamo, a partir do trabalho de Celes, de uma construção subjetiva apoiada na subjetividade do que constrói<sup>21</sup>.

Por enquanto, retomo a noção de relação sexual. Espreito-a com a intenção de descobrir com ela uma maneira de tratar a articulação entre a experiência erótica privada e a questão pública das relações sociais. Digo 'articulação' como se se tratasse de duas peças separadas que se juntam, e percebo que tal imagem abafa a complexidade que define a relação entre público e privado. Aproveito então para explicitar que penso a temática da relação sexual e de sua problematização pela teoria psicanalítica levando em conta os trabalhos de Foucault sobre poder e sexualidade. Refiro-me especificamente à sua definição da sexualidade como "conjunto de efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo que [relewa de] uma tecnologia complexa"<sup>22</sup>. É minha intenção estar atenta à maneira como se encontram o dispositivo da sexualidade e o dispositivo analítico, ainda que saiba ser esta uma questão complicada e que ultrapassa as possibilidades deste artigo<sup>23</sup>.

Vejo a relação sexual como espaço de ressonância particularmente sonora no que diz respeito às questões do entrelaçamento entre experiência do corpo e identidade sexual. Falar da relação sexual é falar do que acontece com o corpo neste momento

que Bataille define como experiência simultânea do mundo em suspenso, “entre parênteses”, e de um misticismo<sup>24</sup>. Sem esquecer que esta experiência dita interna, singular, do sexo é vivida por um corpo que é cultura, segundo, entre outr@s, a feminista Elizabeth Grosz. Grosz diz da experiência corporal que ela é

“[...] um ponto de mediação entre o que é percebido como puramente interno e acessível apenas ao sujeito e aquilo que é externo e publicamente observável, ponto a partir do qual pode-se repensar a oposição dentro/fora, privado e público, o self e o outro, e todos os outros pares binários associados à oposição mente/corpo.”<sup>25</sup>

Falar da relação sexual é então falar desses prazeres (no plural, pois tratam-se de prazeres múltiplos) que nós “levianamente nomeamos físicos”, como dizia a escritora francesa Colette<sup>26</sup>, ou seja, aos quais atribuímos características “meramente” corporais – como se fosse possível distinguir, no campo das experiências subjetivas, o que é do corpo do que não é. Na verdade, não há distinção entre corpo e sujeito; o sujeito sempre já é corpo, assim como o corpo já é sempre sujeito.

Podemos então pensar o corpo como revelador de práticas sociais e, como afirma a professora Tânia Navarro Swain, de “regras de funcionamento de uma sociedade, regras de apreensão e articulação específica dos atores sociais”<sup>27</sup>. Na teoria crítica feminista, e especialmente na crítica feminista preocupada com o tema da corporeidade, o corpo se apropria da questão do assujeitamento<sup>28</sup> – delineada por Foucault e retomada por Butler, entre outr@s – e traz a experiência erótica para o campo das discussões sobre a identidade. Na teoria psicanalítica contemporânea, a clássica afirmação freudiana de que o “eu é antes de tudo um eu corporal”<sup>29</sup> ainda reverbera no espaço das discussões sobre sexualidades. Isso porque ela indica a trançagem fundamental que determina a especificidade da psicanálise no campo das ciências humanas: entre “somático”, “psíquico” e “sexual”. As aspas servem para indicar que, desde Freud e até hoje, a separa-

<sup>22</sup> FOUCAULT, M., 1976. *La volonté de savoir - Histoire de la sexualité I*, Paris: Ed. Gallimard, p. 205.

<sup>23</sup> Recomento, sobre essa discussão, a leitura do trabalho da filósofa e psicanalista Sabine Prokhoris, autora de PROKHORIS (2000), *Le sexe prescrit - La différence sexuelle en question*, Paris: Ed. Aubier.

Sobre a noção foucaultiana de dispositivo, ver, por exemplo, o texto de Gilles DELEUZE, “O que é um dispositivo”? Disponível em <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>. Acesso em abril de 2010.

<sup>24</sup> BATAILLE, G. 1943. *L'expérience intérieure* [A experiência interior], Paris: Gallimard

<sup>25</sup> E. GROSZ (1994) *Volatile Bodies - Toward a corporeal feminism* [Corpos voláteis – Rumo a um feminismo corporal], Bloomington and Indianapolis, Indiana University Press. Citado em NAVARRO-SWAIN, T (2002) “As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades”. Em: *Labrys Estudos Feministas*, web, v. 1-2, n. jan/dez, 2002 Disponível em: [http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys1\\_2/anahita1.html#\\_ftnref1](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/anahita1.html#_ftnref1). Acesso em abril de 2010.

<sup>26</sup> Em francês, « Ces plaisirs qu'on nomme, à la légère, physiques ». Ver COLETTE (1941), *Le pur et l'impur* [O puro e o impuro], Paris: Ed. Fayard, 2004

<sup>27</sup> T. NAVARRO-SWAIN, *Op. cit.*

<sup>28</sup> Trata-se de pensar a dupla concepção da noção de sujeito: sujeito como ator de suas ações e sujeito como submetido (assujeitado) a uma (ou várias) condições. Butler expande a discussão de Foucault sobre o assujeitamento como processo pelo qual simultaneamente nos tornamos subordinados a um poder e pelo qual nos tornamos sujeitos. Ela tenta pensar, com Freud e Lacan, o assujeitamento psíquico, ou o psíquico do assujeitamento. E coloca uma questão que me parece central para a discussão que tenho proposto, enquanto psicanalista, sobre a construção das identidades sexuais:

“A norma está a princípio ‘fora’ e entra em seguida num espaço psíquico dado à priori, compreendido como uma espécie de teatro interior? Ou será que a interiorização da norma contribui para a produção dessa interioridade? A norma, uma vez transformada em psíquica, implica não apenas a sua interiorização, mas também [a interiorização] da psiquê? (...) A norma assume um outro caráter enquanto fenômeno psíquico?” J. BUTLER (1997), *La vie psychique du pouvoir* [A vida psíquica do poder], Paris: Ed. Léo Scheer, 2002, p. 46

ção entre os três termos não é concebível. O sujeito já é sempre corpo, já é sempre psíquico e já é sempre sexual<sup>30</sup>. Nesse sentido, a afirmação de que, para a psicanálise, “o corpo é um texto” não significa que ele ocupa função de mera tradução ou explicitação de sintomas psíquicos, como sugerem alguns críticos. O corpo é um texto não porque se presta à leitura (de outra coisa qualquer considerada como não-corporal), mas porque é discurso, linguagem, palavra, do mesmo jeito que o são o psíquico e o sexual.

Dito de outra forma – tomando o mesmo argumento por sua outra ponta –, toda a palavra “apela intensamente ao corpo”, segundo a psicanalista Tânia Rivera: ela surge no mesmo movimento que inscreve o significante e faz do corpo um corpo sexual. Corpo que “desliza entre sua imagem e o que nele se escreveu na relação erótica com o outro”<sup>31</sup>. A coisa que é o corpo, se podemos dizer assim, é a matéria mesma que (em oposição ao vácuo) garante a ressonância do conjunto de experiências que permite ao sujeito identificar-se como tal. Assim, assemelha-se mais do que a um texto, a um caligrama, ou seja, a um texto-imagem que, no desenho que forma, evoca – ou é – a própria coisa que narra. Ainda segundo Rivera, é um “texto-imagem composto de marcas de prazer e sofrimento”<sup>32</sup>.

### Lacan e o que existe na relação sexual

Talvez a mais célebre das teorizações psicanalíticas sobre a relação sexual seja a frase proposta por Jacques Lacan no seminário *Mais... Ainda*, em 1975: “Não existe relação sexual”<sup>33</sup>. Proponho-me então a apresentar a argumentação lacaniana que justifica tal afirmação para em seguida indicar de que maneira componho com ela uma visão do sujeito sexuado que, espero, não silencia a sonoridade das questões levantadas pelas teorias de gênero com as quais tento dialogar.

Para Lacan, dizer que a relação sexual não existe significa que não é possível estabelecer uma complementaridade entre duas alteridades, ou seja, entre duas experiências dessimétricas da castração e duas modalidades de gozo. Sua intenção com um

anúncio tão desnorteante não é (simplesmente) provocar seus auditores ao afirmar que não existe algo que existe. Trata-se na verdade de indicar uma maneira particular de pensar o fato de que não há um referente dos sexos ao qual o ato sexual remete<sup>34</sup>. Como indica o filósofo Jean-Luc Nancy, Lacan não diz que não existe relação sexual como se dissesse “não existe petróleo neste poço”<sup>35</sup>. Isso quereria dizer que a relação sexual é uma *coisa*, algo de concreto ou objetivável, e esse é todo o contrário da afirmação lacaniana.

Não existe relação sexual, porque a diferença entre duas maneiras distintas de se relacionar ao que Lacan entende por falo<sup>36</sup> é apresentada como garantia de que o sujeito não (re)encontrará jamais no ato sexual o objeto de seu desejo que o outro parece estar em condições de lhe oferecer. Dentro da teoria lacaniana, nenhuma completude é imaginável na experiência do ato sexual, porque, justamente, o que se experiencia neste contato é a parte de nós que não é por nós assimilável. Dito de outra maneira, Lacan não vê a relação sexual como uma possibilidade de se estar além da distinção sujeito-objeto – como é o caso, por exemplo, do escritor George Bataille<sup>37</sup>. Pelo contrário: a (não) relação sexual lacaniana pressupõe um encontro do sujeito com algo de si que ao mesmo tempo lhe escapa e lhe constitui, e que Lacan chama de objeto ‘a’<sup>38</sup>. A este encontro está associada não uma experiência metafísica de desaparecimento de si na fusão com o outro (como sugere Bataille), mas sim um contato com os limites ao mesmo tempo determinados por e subvertidos com o inconsciente.<sup>39</sup>

Retomo então o texto do seminário de Lacan. Na introdução de *Mais...Ainda*, ele afirma que o gozo sexual é marcado pela impossibilidade de se estabelecer um Um da relação sexual<sup>40</sup>. Existem dois sexos diferentes que se definem por sua posição em relação ao falo. A consequência direta desta diferença se traduz na possibilidade de uns – homens – de aceder a uma universalidade, e na não-inscrição de outras – mulheres – nessa universalidade.

Lacan apresenta um quadro da sexualidade onde se inscrevem, de um lado ou de outro, “quem quer que seja um ser falante”<sup>41</sup>. Retenho dele as seguintes

O capítulo “Assujeitamento, resistência, resignificação – entre Freud e Foucault” foi publicado separadamente em inglês:

J. BUTLER (1995) “Subjection, resistance, resignification: between Freud and Foucault”. In J. RAJCHMAN (ed). *The identity in question*. New York, Routledge, 1995. p.229-249

<sup>29</sup> S. FREUD (1923). “O ego e o id”. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, vol.XIX.

Sobre a definição da noção de ‘eu’(ou ego), oposta a ‘supereu’(superego) e a ‘isso’(id), ver:

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

<sup>30</sup> Esse tema perpassa toda a obra freudiana. Contudo, pode ser apresentado ao leitor de maneira suficientemente pontual através da teorização do eu (ver “O eu e o isso”, op. cit.), da teoria da pulsão (“conceito-limite entre o psíquico e o físico”, ver S. FREUD, S. (1915) “As pulsões e suas vicissitudes” In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1972, vol.XIV. ou em FREUD, S.(1905) “Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade”. In: *Obras psicológicas completas*: Edição Standard Brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

<sup>31</sup> RIVERA, T. C. (2005), *Guimarães Rosa e a Psicanálise. Ensaios sobre Imagem e Escrita*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 82.

<sup>32</sup> *Idem*.

<sup>33</sup> LACAN, J. (1972-1973), *Encore - Séminaire X* [Mais...Ainda], texto estabelecido por Miller, J.A., Paris, Ed. Seuil, p.73.

<sup>34</sup> A psicanalista e filósofa francesa Monique David-Ménard desenvolve esta discussão em pelo menos dois trabalhos: DAVID-MÉNARD, M. (1995) "Ce que la psychanalyse change à l'acte sexuel. Le lit d'amour et le lit de l'analyse", [O que a psicanálise muda do ato sexual], In: *L'acte sexuel – Revue Internationale de Psychopathologie*, n.19, Paris, PUF, 1995

e DAVID-MÉNARD, M. (1997), *Les constructions de l'universel. Psychanalyse, Philosophie* [Construções do universal. Psicanálise, Filosofia], Paris, PUF, 1997.

<sup>35</sup> NANCY, J.-L (2001), *L'« il y a » du rapport sexuel* [O 'há' da relação sexual], Paris: Galilée, p. 15

<sup>36</sup> De maneira breve, proponho que entendamos aqui o falo como relacionado às funções imaginárias e simbólicas do órgão pênis na constituição da vivência edípica.

Ver LACAN, J. (1957), *O seminário, livro IV. A relação de objeto* [texto estabelecido por MILLER,

fôrmulas: do lado esquerdo  $\exists x \overline{\Phi x}$  e  $\forall x \Phi x$ . Do lado direito, e . Do lado esquerdo, entendido como lado do homem, temos que "para todo x, phi(x) é válido" e "há um x para o qual phi(x) não é válido". Todo homem (e o homem todo) se inscreve na função fálica (phi). No entanto, há um homem para quem a função não se aplica. Isso quer dizer que, para Lacan, ser um homem implica a aceitação da castração junto com a certeza, no inconsciente, de que houve ao menos um homem que não foi castrado. Do lado direito, o lado das mulheres, temos que "não existe um x para o qual phi(x) não seja válido" e "não é para todo x que phi(x) é válido". A função fálica concerne a todas as mulheres, mas não é a totalidade das mulheres (em francês, *pas-tout*) que está em relação com essa função.

A teoria da sexuação lacaniana se constrói então em torno da função fálica e propõe duas fórmulas relativas a uma identidade masculina e duas fórmulas relativas a uma identidade feminina. Percebo que a referência a termos tão rígidos e cheios de conotação quanto 'fórmula', 'identidade', 'masculino', 'feminino', podem soar como insuficientes para dar conta da complexidade e da instabilidade da identidade sexual. Também estou atenta às críticas (feministas, mas não só) que questionam – com razão – a caracterização de um "feminino" que instala a mulher fora do discurso, em uma relação com "o que falta no simbólico" e que lhe garante apenas uma de duas posições desconfortáveis: uma posição mística que associa feminilidade e enigma, ou uma na qual estamos impedidas de nos pensarmos porque estamos em não-relação com a categoria de universal. Mas por enquanto, me atenho ao que vejo de inspirador nas teorizações lacanianas sobre a identidade sexual. Não pretendo então desenvolver aqui a temática do masculino e do feminino na teoria psicanalítica. Contento-me em tomar como norte a afirmação freudiana de que a natureza da psicanálise não é de querer descrever o que é uma mulher – "tarefa dificilmente realizável" – mas de examinar como se torna uma<sup>42</sup>. Quero dizer com isso que não tento aqui abarcar nem a extensão nem a complexi-

dade da crítica feita à visão lacaniana da sexuação. Também não tento responder a ela com os instrumentos da teoria psicanalítica: não estou me propondo aqui a defender a psicanálise face aos questionamentos suscitados pela interrogação da própria noção de sexuação. Meu objetivo agora é o de apresentar o que uma reflexão sobre o tema da relação – pautada pela interrogação da afirmação de que não existe relação sexual – pode acrescentar à discussão sobre a mobilidade das identidades sexuais.

Retomo então a ideia de que a relação não é uma coisa. Se pegarmos a palavra francesa *rapport*, temos que, originalmente, ela indicava não um objeto, mas uma ação: portar, contar, expor algo a alguém. Por derivação, chegamos à ideia de relação como uma substância: relato de atividade, relatório policial, resultado de uma ligação entre duas pessoas, como quando falamos de uma relação harmoniosa<sup>43</sup>.

De certa forma, as ideias de relação e de relato seguem associadas na ideia de que não existe relação sexual. Jean-Luc Nancy nos convida a pensar a possibilidade de ver que não há relação sexual como não há “recibo, nem relato nem de conformidade nem de proporção determinada por isso de que se trata quando um casal se acasala<sup>44</sup>”. Ou seja, não há algo que se possa “reter, relatar, calcular ou capitalizar” do que acontece numa relação sexual: trata-se de uma relação que não se conta, nem no sentido de enumeração de itens, nem no sentido de elaboração de um relato. Mais uma vez, afirmo que a relação sexual não é uma coisa: ela não é nem substância, nem predicado e talvez possa ser melhor descrita como algo que acontece ou que toma vida no espaço *entre* duas existências.

Proponho então que podemos olhar para a afirmação de que não existe relação sexual e perceber nela uma possibilidade de subversão que não se restringe a uma simples criação de metáforas<sup>45</sup>. Trata-se de estar à escuta do que ela permite entender do contato entre dois sujeitos não enquanto ato ou projeto<sup>46</sup>, mas enquanto deslocamento ou reverberação. Ela é assim o contrário de algo de

J -A], Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1995. (especialmente os capítulos sobre as vias perversas do desejo e sobre o objeto fetiche).

E também LACAN, J. (1958), « A significação do falo”, In: *Escritos*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1998

<sup>37</sup> BATAILLE, G., Op. cit., p. 86: “ Supressão do sujeito e do objeto, único modo de não se chegar à possessão do objeto pelo sujeito”.

<sup>38</sup> Sobre o ‘objeto a’, entendido por Lacan como a causa mesmo do desejo, ver LACAN, J. (1959), *Le séminaire, livre VI. Le désir et son interprétation* [inédito].

<sup>39</sup> A ideia da sexualidade entre duas pessoas como possibilidade de se (re)pensar o limite é também uma hipótese presente em SANTOS, B. Op. cit.

Proponho que o encontro sexual entre duas pessoas permite ao mesmo tempo a constatação de um si-mesmo e uma subversão poética desse si-mesmo. Ele nos permite visualizar limites de si e possibilidades de ressignificação desses mesmos limites. Serve assim como caixa de ressonância da sonoridade dos movimentos da identidade e levanta questões interessantes sobre os limites da teoria psicanalítica.

<sup>40</sup> LACAN, J. (1972-1973), Op. cit. p. 74

<sup>41</sup> idem

<sup>42</sup> FREUD, S (1932), « Feminilidade ». In: « Novas conferências introdutórias sobre psicanálise », *ESB*, vol. XXII

<sup>43</sup> NANCY (2001), *Op. cit.*

<sup>44</sup> *idem*, p. 18

<sup>45</sup> E devemos estar atentos ao fato de que não existem “simples criações de metáforas”. Penso no uso feito da noção de metáfora pelo filósofo americano Donald Davidson, para quem a metáfora, enquanto ato lingüístico novo, não tem sentido convencional e intima os sujeitos a renovarem sua descrição de si ou do mundo.

Ver DAVIDSON, D. (1982), “Paradoxes of irrationality”. In: WOLHEIM, R. & HOPKINS, J. (eds). *Philosophical essays on Freud*. Cambridge: Cambridge University Press.

<sup>46</sup> BATAILLE, G., *op. cit.*

quantificável que resulta de, ao mesmo tempo em que determina duas posições rígidas – como, por exemplo, dois (ou duas) heterossexuais, dois (ou duas) homossexuais, ou qualquer outro arranjo entre dois sujeitos. Podemos pensá-la como isso que, sem ser, possibilita que outros sejam. Como o espaço vazio necessário para que uma nota musical possa vibrar e se fazer ouvir, a relação sexual se apresenta como o “entre-dois” que viabiliza a percepção do que reverbera de singular em cada sujeito. Dito de outra maneira: sugiro que a noção de uma relação sexual que não existe remete ao indeterminado e ao indeterminante do encontro sexual entre dois sujeitos. Isso quer dizer que entendo a relação sexual como um momento no qual a maneira como (nos) arranjamos (com) nossos traços identitários se põe em movimento. Cada um dos sujeitos tocados pelo impacto (que pode ser mais ou menos suave) do encontro sexual desloca-se pelo espaço criado neste contato entre duas subjetividades. A relação sexual serve assim como espaço de excelente acústica no qual podem ressoar os múltiplos sons que compoem – de maneira vibrante, instável – a identidade sexual.

É a partir dessa idéia da relação sexual como espaço de reverberação que penso as novas possibilidades de tramas identitárias. Atentando para a figura sem forma, mas de presença intensa, que traça os limites da relação sexual, proponho que o contato com o outro nos convida a expandir nossa capacidade de transformação. Às imposições próprias à vida numa sociedade (hetero)normativa, imagino espaços de micro-resistência sexual corporificada e prazerosa, constituídos nas tramas e urdiduras dos encontros amorosos. Nesse sentido, concordo com a visão que tem Pierre Bourdieu da “potência autárquica simbólica” da diáde amorosa:

“Reconhecimento mútuo, troca de justificações de existência e de razões de ser, testemunhos recíprocos de confiança, signos, todos, da total reciprocidade que confere ao círculo em que se encerra a diáde amorosa, unidade social elementar, indivisível e dotada de uma potência autárquica simbólica, o poder de rivalizar vitori-



osamente com todas as consagrações que ordinariamente se pedem às instituições e aos ritos da “Sociedade”, este substituto mundano de Deus.”<sup>47</sup>

Na reciprocidade que caracteriza a relação sexual parecem se delinear travessias que redefinem o que reconhecemos como margem ou limite do que somos. Sua in-definição nos permite não saber nem nossa própria dimensão nem a dimensão do outro sem que isso seja algo ruim, como nos “Exercícios para uma trajetória poética do ser”, de Hilda Hilst<sup>48</sup>. Delicadamente, nos asseguramos da beleza do voo quase sempre incerto que é a construção da identidade sexual e seguimos em frente.

<sup>47</sup> BOURDIEU, P. (1998) *La domination masculine* [A dominação masculina], Paris: Seuil, p.118.

<sup>48</sup> “Vereis um outro tempo estranho ao vosso. / Tempo presente mas sempre um tempo só, / Onipresente. / A dimensão das ilhas eu não sei. / Será como pensardes ou como é / Vossa própria e secreta dimensão. / Às vezes pareciam infinitas / De larguras extremas e tão longas / Que o olhar desistia do horizonte / E sondava: ervas, água / Minúcias onde o tato se alegrava / Insetos, transparências delicadas / Tentando o vôo quase sempre incerto”

HILST, H. *Poesia*: 1959-1979. São Paulo, Quíron (Brasília), 1980

